

AMAR E MAR: HÁ IR E VOLTAR¹
UMA POÉTICA DO MOVIMENTO EM SOPHIA DE MELLO BREYNER
ANDRESEN

Alexandre da Silva Rodrigues

Universidade de Évora, Portugal

rodriguesalexandre@yahoo.com

RESUMO: A poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, pioneira mulher a fazer parte do cânone literário de seu país, conjuga o individual e o global em sua obra, através de uma linguagem esteticamente lapidada e luminosa. Neste ensaio, buscou-se analisar como dois temas muito presentes em sua obra – o corpo e o mar – encontram relevo através da metáfora do movimento e seus variados matizes.

PALAVRAS-CHAVE: poesia portuguesa contemporânea; erotismo; mar; corpo.

ABSTRACT: The Portuguese poet Sophia de Mello Breyner Andresen, pioneer woman to be part of the literary canon of her country, combines individual and global elements in her work through a language which is aesthetically carved and luminous. This essay aims to analyze how the body and the sea – two themes commonly present in her work – are highlighted through the metaphor of the movement and its varied shades.

KEYWORDS: Portuguese contemporary poetry; erotism; sea; body.

¹ Corruptela proposital da frase “Há mar e mar, há ir e voltar”, de autoria do poeta e publicitário Alexandre O’Neill, criada para uma campanha de prevenção contra afogamentos nas praias portuguesas, na década de 1980.

1. Eros e a palavra: uma introdução

O poeta Manoel de Barros, conforme destaca² Müller (2010), indica-nos que “A palavra poética vem, por antes, de um minadouro sensual. De um desejo de comunhão. (...) A raiz da poesia é o desejo.”: Desejo este, podemos pensar, num sentido amplo, que enquanto força motriz da existência humana, também move as palavras através das quais nos expressamos.

Tal dialética motriz, remetendo-nos à ligação, atração ou união expressa em Eros (Vilela, 2018), manifesta-se na literatura tendo-a como meio, mas também como princípio através do qual a tensão entre as palavras e suas múltiplas atrações geram mundos. Segundo Ramond (1989), é nessa incessante transferência propiciada pelo espaço da língua que residem as condições para que o texto literário exista.

Neste trabalho de articulação das palavras, do qual o poeta é ourives, a excitação entre elas gera sentidos ou potencialidades de sentidos que só essa dialética possibilita. Como expressa Manoel de Barros, “Lá onde tudo ainda não tem voz o mundo é erótico” (Müller, 2010)³. E o é porque através da prática da letra é que se inscreve o outro, não havendo, assim, nessa geração de sentidos, metáfora que não seja fundamentalmente erótica (Ramond, 1989).

Ora, se as palavras em sua dialética são capazes de, com suas metáforas filhas de Eros, criar sentidos e mundos, ser-nos-á interessante observar uma poeta que se utilizou da própria metáfora do movimento para dele falar. Traduz poeticamente nos movimentos do amar e do mar o erotismo essencial da letra.

2. Uma poética do movimento

A poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) pode talvez ser considerada a pioneira mulher a fazer parte do cânone da História Literária de seu país. Com uma linguagem femininamente imponente, e ao mesmo tempo elementar – uma vez que intelectual e esteticamente lapidada –, alinha o individual e o global em um espaço simbólico onde o infinito está contido em cada objeto (Vilela, 2013). Ao mesmo tempo em que proclama: “O poema é / A liberdade”, segue por reiterar que “Um poema

² No prefácio “Conversa de poesia, exercício de prosa”, da obra *Manoel de Barros*, organizada pelo próprio Müller.

³ Idem.

não se programa / Porém a disciplina / – Sílabas por sílabas – / O acompanha”⁴ (Mello Breyner Andresen, 2004b). Trata-se de perceber a fluidez das palavras em seus encontros libertários, sem deixar de lado a preocupação com o cuidado de tecelã do poema, característica muito visível em sua obra.

A poesia andreseana, entre as figuras das quais se utiliza, tem como focos ou temas recorrentes o corpo – e a referência grega se torna em muito uma chave para esta leitura⁵ – e o mar. Neste último aspecto, é curioso vislumbrarmos as paredes do Oceanário de Lisboa, repletas de versos de Sophia, a invocarem o mar, e a ressaltarem a importância da autora dentro da vocação marítima do país. “Quando eu morrer voltarei para buscar / Os instantes que não vivi junto do mar”⁶ (Mello Breyner Andresen, 1975): se nestes versos, impressos nas paredes de tal prédio, lemos sobre a ausência de momentos que poderiam ter sido vivenciados junto ao mar, lemos também sobre a presença de diversos outros, os que foram vividos, e que tanto marcaram a escrita da poeta.

Pensar essa dialética da presença e da ausência, daquilo que *é* por estar presente, ou que *é* pela falta que exprime, está em muito relacionado a Eros, ao desejo expresso também na criação poética, à “Presença como nó de ausências” (Vilela, 2013):

Eros es la pulsión desbocada (...), el deseo ardiente de conseguir la posesión permanente del invisible compañero psíquico, presente por la necesidad o la falta que representa, o sea, presente por su forma de ausencia (Ramond, 1989).

Vejamos, a citar, o poema “Foi no mar que aprendi”, da autora (2004a):

Foi no mar que aprendi o gosto da forma bela
Ao olhar sem fim o sucessivo
Inchar e desabar da vaga
A bela curva luzidia do seu dorso
O longo espriar das mãos de espuma

Por isso nos museus da Grécia antiga
Olhando estátuas frisos e colunas
Sempre me aclaro mais leve e mais viva
E respiro melhor como na praia

⁴ Do poema “Liberdade”.

⁵ Importante citar, da autora, a obra *O Nu na Antiguidade Clássica*, que podemos considerar como “um precioso guia estético para a leitura” (Vilela, 2013) de sua poesia.

⁶ Do poema “Inscrição”, presente no *Livro Sexto*.

Neste belo texto de Sophia, observamos a importância do mar para a autora, como espaço e realidade através dos quais ela aprendeu e apreendeu a beleza, e nos quais ela se apercebe da dialética presente-ausente expressa pelas ondas em seu crescer e desabar. É relevante também ressaltarmos a relação com o corpo, com o físico, com o dorso do mar, em suas curvas, ou seus longos braços e suas mãos de espuma. Além disso, é mister destacarmos que é neste espaço-símbolo que Sophia se sente leve, viva: onde melhor respira.

Na escrita da poeta, como mencionado na introdução deste ensaio, é de suma importância verificarmos que o movimento do corpo (do amar) e das ondas (do mar) – metáforas andreseanas da dialética erótica – é expresso na própria criação do verso. O cuidado lapidário do trabalho de Sophia já nos traz *per se* a simbologia deste buscar-encontrar-desencontrar que as formas físicas e marítimas desempenham em sua letra:

E (...) o corpo esculpido, na sua busca da geometria, do número e da proporção, da forma essencial inscrita no real, é uma metáfora do desenvolvimento do verso, representando simbolicamente o seu elemento central: o ritmo, a reiteração motívica, a regeneração e a continuidade. (Vilela, 2013).

É a palavra e sua organização poética, sua força motriz dialética, a traduzir em forma e conteúdo, em movimento de lapidação e em objeto lapidado, o movimento ondular de Eros.

Leiamos o poema “Os dias de verão” (Mello Breyner Andresen, 2014):

Os dias de verão vastos como um reino
Cintilantes de areia e maré lisa
Os quartos apuram seu fresco de penumbra
Irmão do lírio e da concha é o nosso corpo

Tempo é de repouso e festa
O instante é completo como um fruto
Irmão do universo é o nosso corpo

O destino torna-se próximo e legível
Enquanto no terraço fitamos o alto enigma familiar dos astros
Que em sua imóvel mobilidade nos conduzem

Como se em tudo aflorasse eternidade

Justa é a forma do nosso corpo

Neste texto é possível verificarmos as metáforas mencionadas anteriormente, da relação entre corpo e natureza, entre amar e mar em seus movimentos cíclicos e eternos, em sua dialética ausência-presença como, por exemplo, nos tempos de “repouso e festa”. Mas é também relevante destacarmos o seguinte: a forma do conteúdo (Quintela, 2009) do texto se utiliza de repetições, de oposições, de recursos textuais que relacionam o conteúdo à forma, a escrita ao tema, como vemos, a citar, na utilização de termos tais quais – novamente – “repouso e festa” ou na repetição de “é o nosso corpo” / “é a forma do nosso corpo” ao longo do poema. Para ressaltarmos essa preocupação com o movimento, vejamos também os seguintes versos, do poema “Homero” (idem, 2004a):

Escrever o poema como um boi lavra o campo
Sem que tropece no metro o pensamento
Sem que nada seja reduzido ou exilado
Sem que nada separe o homem do vivido

Aqui percebemos, outra vez, uma preocupação de repetição rítmica, e também um artifício sonoro, que nos destaca o movimento marítimo retratado nas letras de Sophia. Não querendo tropeçar no metro, ou na métrica, a poeta se utiliza da repetição de “sem que” fazendo-nos remeter ao movimento constante, repetitivo porque infundável, das ondas. E tece essa repetição com o som sibilante do “s”, que frequentemente relacionamos ao som das ondas do mar.

Sophia conhece bem a métrica – mesmo para, quando deseja, distanciar-se dela. Isso bem vemos pelo fato de haver dado o nome “Métrica” a um poema seu em “O Búzio de cós e outros poemas”. Assim como Manoel de Barros, em seu poema “Línguas”, nos versa sobre a língua portuguesa: “Estudei-a com força para poder errá-la ao dente” (Barros, 2011), podemos dizer que a poeta sobra a qual aqui nos debruçamos conhece bem a poesia clássica para poder com ela “brincar”. Fá-lo com maestria:

Mitológica luz da beira-mar
A maré alta sete vezes cresce
Sete vezes decresce o seu inchar
E a métrica de um verso a determina
Crianças brincam nas ondas pequeninas
E com elas em brandíssimo espriar
Em volutas e crinas brinca o mar
(Mello Breyner Andresen, 2004a)

A poeta aqui constrói um texto de métrica muito bem trabalhada, num texto que nos fala (conteúdo) e nos mostra (estrutura) o movimento marítimo, como se o observássemos a partir desta “Beira-mar”, título do poema. E nesse brincar, nessa métrica que o ir e vir determina, convida-nos a apreciar sonora e visualmente o movimento tão presente no corpo de sua obra.

Corpo, cabe destacar, para Sophia, não se trata apenas do físico humano, mas a um sentido muito mais amplo. Dentre as figuras ressaltadas pela poeta, estão animais que, em sua metáfora, nos remetem ao erótico, ou a deuses e suas características sobre-humanas. Da obra de Mello Breyner Andresen (2014), neste sentido, atentemo-nos ao trecho abaixo:

Fechei à chave todos os meus cavalos
A chave perdi-a no correr de um rio
Que me levou para o mar de longas crinas
Onde o caos começa - incorruptível⁷

E ainda:

Junto de um mar azul de rochas negras
Porém Dionysos sacudiu
Seus cabelos azuis sobre os rochedos
Dionysos pantera surgiu⁸

Nestes excertos podem-se ler referências ao que mencionamos logo anteriormente: aos cavalos e seus/nossos instintos, seu cavalgar rítmico, bem como a suas crinas, vistas também como crinas do mar, onduladas, longas; e referência a Dioniso, que podemos relacionar aos ciclos vitais, aqui despontando de dentro desse mar-existência a sacudir seus cabelos azuis, novamente como ondas, a bater contra as rochas.

Aqui seria-nos possível citar diversos e variados excertos da obra de Sophia que nos remetem a essa ciclicidade, a esse infinito ir e vir, a essa ideia da atração-distanciamento, ou presença-ausência, matéria criada pelo desejo e também [re]criadora do desejo, formada pelo texto poético e formadora do texto poético. Para encerrar esta seção, no entanto, sem alongarmo-nos interminavelmente, cabe-nos observar mais um poema, “A Hera”, parte da rica obra da autora (2004a):

⁷ Do poema “Fechei à chave”.

⁸ Do poema “Ariane em Naxos”.

A meticulosa beleza do real
Onda após onda pétala a pétala
E através do pano branco do toldo
A sombra aérea da hera
Tecedora incessante de grinaldas

Hera, planta, ou Hera, materna: tecedoras, assim como Sophia, de grinaldas, de texto, de coberturas que criam sob si mundos a partir das palavras.

3. Considerações finais

Pensar o ato poético pode ser bem mais que considerar uma forma de retratar a realidade. Não que o poeta não possa fazê-lo, através de sua expressão artística, muitas vezes crítica, do espaço-realidade em que vive, mas pode também criar mundos através das palavras, e até criar palavras para criar mundos.

Se “a arte existe porque a vida não basta”⁹, podemos complementar que “a expressão do poeta não designa [apenas] uma realidade já existente; pelo contrário, ela cria um mundo”. (Vilela, 2013) (grifo nosso). Sophia de Mello Breyner Andresen, ao se utilizar em sua escrita da metáfora cíclica da vida, em figuras como as do corpo e do mar – ou seja, do movimento – traz-nos reflexão sobre o caráter erótico da existência: essa oscilação constante entre atrair e retrain, que no conteúdo e na forma de sua obra, revela-nos muito sobre esse aspecto de repetição infinita do existir.

Encerra-se, logo, este ensaio com o poema “A forma justa”, de Mello Breyner Andresen (2004b), que bem parece resumir o que aqui foi exposto:

Sei que seria possível construir o mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos – se ninguém atraísse – própria
Cada dia a cada um a liberdade e o reino
– Na concha na flor no homem e no fruto
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso

⁹ Frase dita por Ferreira Gullar, que se tornou quase um dito popular no meio artístico/criativo brasileiro. Serviu de nome para documentário feito sobre a vida do escritor.

Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo

Referências

- BARROS, M. de (2011). Ensaios fotográficos. In *Poesia Completa* (pp. 385-404). Alfragide: Caminho.
- MELLO BREYNER ANDRESEN, S. de (1975). *Antologia*. Lisboa: Moraes.
- . (2014). *Dual*. Porto: Assírio & Alvim.
- . (2004a). *O Búzio de Cós e Outros Poemas*. (ed. revista). Alfragide: Caminho.
- . (2004b). *O Nome das Coisas*. Alfragide: Caminho.
- . (s.d.). *O Nu na Antiguidade Clássica*. Lisboa: Portugalia.
- MÜLLER, A. (org.) (2010). *Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.
- QUINTELA, R. (2009). Glossemática. In *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/glossematica/>
- RAMOND, M. (1989). Eros y literatura o Eros y Psique a la letra. In Lopez Alonso, C. et alii (coord.), *Eros Literario* (pp. 11-17). Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- VILELA, A. L. (2018). *Erotismo e Literatura* [apresentação Power Point]. Évora: Universidade de Évora.
- . (2013). Sophia de Mello Breyner Andresen. In Esteves, J. et alii (dir. e coord.), *Feminae: Dicionário Contemporâneo*. (pp. 864-878). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.